

Depoimento

*Vera Duarte**

Estivemos juntos há algum tempo, quando da realização do III Encontro de Professores de Literaturas Africanas que teve lugar na Universidade Federal do Rio de Janeiro em Novembro de 2007.

Fui convidada a participar do evento na qualidade de “poetisa caboverdiana” e o Fernando na nobilíssima qualidade de “Os Fundadores”, ou seja, um grupo restritíssimo do qual fazem parte os pioneiros dos estudos africanos no Brasil, grupo onde o Fernando ocupa um justo primeiro lugar.

E foi assim, na maravilhosa cidade do Rio de Janeiro, que demoramos sentados à mesa de um café, na esplendorosa Avenida Atlântica, de olhos postos no calçadão e na praia de Copacabana, falando sobre tudo e sobre nada, as velhas amizades transatlânticas, a Literatura sempre presente e a África...

O encontro durou horas. O sol pôs-se, o escuro veio, vieram também as comidinhas gostosas, os drinques coloridos e aquele irresistível ar malicioso no contar das “estórias” que nos mantêm ligados, apesar do imenso oceano que nos separa.

A IV Mesa Redonda Afro-Luso-Brasileira sobre a CPLP, realizada na cidade da Praia em Junho de 1994, numa altura em que eu era secretária geral da Associação de Escritores Caboverdianos (AEC), estreitara o nosso conhecimento tornando-nos verdadeiros amigos.

Apreciador, tal como eu, do papel pioneiro e entusiástico que o malgrado José Aparecido de Oliveira teve na criação da Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa (CPLP), Mourão defendeu então, de forma convicta e pertinente que “Num tempo caracterizado pela aceleração histórica

* Vera Valentina B. M. Duarte Lobo de Pina (Vera Duarte). Juíza desembargadora, ex-ministra da Educação e Ensino Superior e ex-juíza conselheira do Supremo Tribunal de Justiça de Cabo Verde.

e de mudanças globais, de tensões raciais, religiosas e sociais, a criação da CPLP emerge como uma entidade não excludente, universalista, com vocação à tolerância e como instrumento de paz”, posição com a qual totalmente me identifico.

Em outro momento da sua brilhante intervenção, Mourão defendeu, pioneiramente, que “por sua vez o estudo minucioso das línguas africanas e dos linguajares africanos no Brasil deverá constituir um alvo prioritário das ciências da linguagem.”

Acredito que o que mais nos aproximou, para lá de uma simpatia natural, foi esse profundo sentimento de africanidade que o professor sempre preservou, mas uma africanidade ativa e atuante, tão bem traduzida na dinamização do Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo (CEA/USP) que, por limitações várias desenvolve as suas atividades “no quadro do possível e, porque não, do impossível,” segundo as palavras impressionantes do próprio.

Africanidade que também se reflete na publicação da revista “África”, de que Mourão é editor e colaborador, revista acadêmica do CEA/USP, catalisadora de um pensamento, humanista, progressista e culto em torno do complexo e delicado fenômeno que é a África, os africanos, os afro-descendentes, os amigos de África...

Aliás, pela mão do professor, tive o prazer e a oportunidade de colaborar com a distinta revista.

Contou-me a nossa amiga comum e minha prima Milú Duarte, de seu nome próprio Cármen de Santa Rosa, viúva do Manecas Duarte, um dos mais insignes intelectuais caboverdianos do século XX, que foi esse mesmo sentimento de africanidade que juntou os dois amigos, o Fernando e o Manecas, desde os anos cinquenta, quando ambos eram estudantes de Coimbra onde faziam o curso de Direito e partilhavam a mesma casa de estudantes. Essa amizade perdurou para lá do tempo e do vento, e foi assim que se reencontraram anos mais tarde no Cabo Verde independente, pátria africana do Manecas e pátria afectiva do Fernando.

Conta a Milú que o Fernando terá sido a primeira pessoa a quem o Manecas mostrou o seu texto mais emblemático “Caboverdianidade e Africanidade”, que foi publicada na revista coimbrã “Vértice”, texto em que Duarte defende com desassombro a “mista realidade” e a “personalidade heterogênea e cheia de contrastes” do povo caboverdiano, numa clara alusão à nossa mestiçagem, posição que também Mourão defende em relação ao Brasil.

Comentando sobre o livro “Balada da Praia dos Cães” de José Cardoso Pires, que trata de uma tentativa de insurreição contra o Estado Novo, Mourão terá confidenciado ao Manecas que ele “estava lá metido”, “estava metido no grupo apesar de o seu nome não ter sido mencionado”.

Estes são fatos que quis deixar aqui testemunhados, porque eles revelam facetas fascinantes da personalidade do professor e pelo que eles ilustram da amizade e cumplicidade que uniu o Fernando Mourão a um caboverdiano, o Manecas Duarte, e marcaram a minha convivência com ambos, sendo certo que a amizade e a admiração que desde cedo nutri pelo Fernando Mourão derivou em muito da amizade e admiração que sempre tive pelo Manecas.

Apesar de o Manecas já não estar fisicamente entre nós, a amizade mantém-se intacta através da Milú Duarte que volta e meia me fala do Fernando e da amizade que ela não só tutelou como quis sempre preservar e me dá “mantenhas” para levar ao Mourão sempre que vou ao Brasil.

E porque me fascina a natural cumplicidade que normalmente se estabelece quando um caboverdiano encontra um brasileiro, tal como me aconteceu quando conheci o insigne professor “e, porque não, talvez devido a nossa comum mestiçagem,” aqui deixo, com um caloroso abraço a minha singela homenagem ao também africanista Fernando Mourão.

Praia, Cabo Verde, Dezembro de 2010.